

Cultura afro-brasileira

Afro-brazilian culture

Marcos Antonio Cardoso¹

Resumo: Este artigo apresentará a inserção da cultura afro-brasileira no currículo da disciplina de ensino religioso. Ao ser determinado pelo Governo a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar, suscitou-se a temática da intolerância relacionada às religiões de matriz africana cujo ensino deve perpassar a sala de aula no currículo do ensino religioso e da arte. A dificuldade em ministrar tal conteúdo perpassa pelo preconceito, e são vistas como alvo de brincadeiras por parte, e entre os alunos e alunas, que creem não fazer parte da história da vinda dos negros para o Brasil, marcando na educação, o racismo brasileiro. Outro fato muito importante é fazer com que o professor não adote uma postura de negação devido sua crença religiosa.

Palavras-Chave: Ensino Religioso. Escola. Cultura Afro-brasileira.

Abstract: This article will present the inclusion of Afro-Brazilian culture in the curriculum of religious education. To be determined by the Government to the Afro-Brazilian history and culture and African school curriculum, raised-if the theme of intolerance related to religions of African array whose teaching must resound the classroom in the curriculum of religious education and art. The difficulty in teaching such content pervades by prejudice and are seen as the target of jokes by, and among the students, who believe not to be part of the story of the coming of blacks for Brazil, scoring in education, racism in Brazil. Another very important fact is that

Artigo recebido em: 22 set. 2017

Aprovado em: 18 dez. 2017

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (2014); Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória-ES. E-mail: marcostn77@gmail.com

the teacher does not adopt a posture of denial because of his religious belief.

Keywords: Religious Education. School. Afro-brazilian culture.

Introdução

Muito se fala nas práticas religiosas x ou y e tecem críticas excludentes das mesmas, sem saber sua origem, e sua formação na sociedade brasileira. A prática da disciplina Ensino Religioso nas escolas ainda está longe de levar para os alunos a bonita história da existência dos afros brasileiros na sociedade brasileira. Pretende-se identificar e conceituar os eixos norteadores da disciplina que são Culturas e Religiões, Escrituras Sagradas, Teologias, *Ethos* e Ritos. Esses possibilitarão assegurar uma resposta organizada num sistema e pensamento próprio, obedecendo a uma estrutura e promovendo critérios para a organização dos conteúdos do Ensino Religioso.

Em relação às religiões afro-brasileiras revelaram que grande número de africanos e seus descendentes buscaram recriar as suas religiões de origem, formando grupos para a prática religiosa dos rituais e para a transmissão das tradições, sendo que no Brasil é fato o sincretismo de santos da igreja católica com os Orixás africanos.

Quanto ao currículo, alguns livros didáticos, lançados no mercado por algumas editoras trazem as religiões não cristãs e, de maneira superficial as de matriz africana abordando como são caracterizadas. Ao ser determinado pelo Governo a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar, suscitou a temática da intolerância relacionada às religiões de matriz africana cujo ensino deve perpassar a sala de aula no currículo do ensino religioso e da arte. A dificuldade em ministrar tal conteúdo perpassa pelo preconceito, e são vistas como alvo de brincadeiras por parte, e entre os alunos e alunas, que creem não fazer parte da história da vinda dos negros para o Brasil, marcando na educação, o racismo brasileiro.

1. Cultura Afro-brasileira

Os africanos que chegaram ao Brasil viveram horrores na travessia do Atlântico. Vinham amontoados em porões imundos de navios, comendo e bebendo o mínimo, vendo seus companheiros de viagem falecer em razão de maus tratos e doenças. Eram levados a galpões e mercados, locais onde eram postos a venda, entretanto eram tratados de suas doenças, recebiam alimentação melhor, tinham contato com outros africanos que haviam chegado antes e

descobriam os seus destinos sabendo que iriam viver sozinhos, talvez encontrariam companheiros de um mesmo grupo ou seguiriam a vida sem ninguém.

Os negros que foram trazidos para o Brasil eram principalmente da costa ocidental e se distinguem em três grupos:

- ♦ 1º grupo: Culturas sudanesas representadas pelos grupos Yoruba, chamados nagôs; pelos Dahomey, designados como gegê, e pelos Fante-Axante, conhecidos como minas, além de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim;

- ♦ 2º grupo: Culturas africanas islamizadas, originários dos Peuhl, dos Mandingas e os Haussa, do norte da Nigéria, identificados na Bahia como negros malé, e no Rio de Janeiro como negros alufá;

- ♦ 3º grupo: Culturas africanas integradas por tribos Bantu, do grupo congo-angolês, originários da Angola, Contra Costa, atual território de Moçambique.

Os afros descendentes foram muito importantes na cultura brasileira, tanto por sua presença, como a massa trabalhadora, “como por sua introdução sorradeira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes²”.

Eles trouxeram uma diversidade linguística-cultural e a própria religião que em vez de unificá-los, os desunia, impedindo a formação de núcleos solidários que formariam o patrimônio cultural africano. Como viviam na condição de escravos convivendo com diferentes línguas foram aprendendo o português com o que os capatazes lhes gritavam. Com isso, conseguiram,

[...] aportuguesar o Brasil, além de influenciar de múltiplas maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram, que foram o nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país. Hoje, aquelas populações guardam uma flagrante feição africana na cor da pele, nos grossos lábios e nos narigões fornidos, bem como em cadências e ritmos e nos sentimentos especiais de cor e de

² RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Compainha das Letras, 2007.

gosto³.

O negro passa então, da condição de boçal⁴, para a condição de latino, quando se integra na nova sociedade e na nova cultura. Esse negro boçal desempenhava as tarefas, mais pesadas e ordinárias que a divisão do trabalho do engenho ou da mina. Junto com os valores espirituais, eles retêm reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e gostos culinários. Essa herança africana meio cultural e meio racial, associada às crenças indígenas, empresta a cultura brasileira um catolicismo popular.

O Brasil que se construía era dirigido por vontades e motivações externas, que o queriam degradar moralmente, usando os homens como vistas de cargas, as mulheres como fêmeas com enfermidades que não podiam nunca serem reestruturadas ou saradas.

A língua portuguesa que os senhores falavam, os africanos tinham que aprender para poder obedecer às ordens e sobreviver da melhor forma possível na terra que viviam. Às vezes algumas pessoas de um mesmo grupo linguístico, inventavam línguas novas, resultante de junções de dialetos africanos entre si e também com o português. Desta forma, os africanos oriundos de diferentes regiões iam emprestando uns aos outros, crenças e ritos religiosos, lendas, conhecimentos práticos e iam constituindo uma cultura africana no Brasil diferente das que haviam na África.

A economia escravista se apropriava de seres humanos utilizando a mais cruel forma de violência exercida através de castigos atroz desumanizadores, fazendo com que o negro se reduzisse a uma condição de desapropriação de si, uma vez que só se saía da condição de escravo pela passagem da morte ou da fuga. A fuga era alimentada por todos os negros escravizados. Eles eram trocados sendo avaliados pelos dentes, pela espessura dos tornozelos e dos punhos.

Esses negros africanos iam para os engenhos, trabalhar nas plantações de cana, nas casas-grandes ou em alguma atividade ligada ao processamento do açúcar. Podiam também ir ara as minas, bater ouro nos rios ou procurar veios subterrâneos. “Também podiam ficar nas cidades servindo de carregadores, trabalhando nos

³ RIBEIRO, 2007, p. 115.

⁴ Boçal: termo usado em Portugal, que se tornou corriqueiro no Brasil e que trazia a ideia de que os africanos pertenciam a culturas inferiores as europeias, tendo comportamentos animais, como andar nus, e religiões reprováveis, que envolviam a prática de atos que os portugueses chamavam de feitiçaria.

serviços domésticos, aprendendo um ofício e se tornando carpinteiros, alfaiates, barbeiros, sapateiros, vendedores ambulantes⁵. No século XIX, grande parte dos negros, foi trabalhar nas plantações de café e as cidades mais desenvolvidas absorviam-nos em grande quantidade.

Os africanos chegados no Brasil iam tecendo suas relações, entretanto a relação entre eles e os crioulos, que se consideravam diferentes por terem nascidos no Brasil, era cheia de atritos, devido os crioulos, mesmo sendo escravos, ocuparem uma posição mais cômoda que a dos africanos. Desde o século XVII, era grande a parcela afrodescendente na população brasileira, mas parte dela não era composta por escravos, e sim, por ex-escravos que haviam conquistado sua liberdade, por serem descendentes de libertos e nascidos livres.

Havia muita diferença entre ser escravo ou livre, pois o escravo era destituído de qualquer direito, entretanto a maior diferença era entre negros e brancos, devido na sociedade escravista brasileira ser a cor da pele, a marca mais evidente da posição considerada inferior da pessoa escravizada. “Por isso, uma das estruturas de controle social sobre a população escrava, mesmo quando circulava livremente pelas ruas e caminhos, era a que associava à escravidão a cor da pele⁶”.

Em 13 de maio de 1888, sob a Lei nº 3.353, foi declarada a extinção da escravidão no Brasil. Na época, muitos abolicionistas e o conjunto da população negra, atribuíram à princesa Isabel todos os louros do fim da exploração escrava, no entanto, ela teve o apoio dos abolicionistas, que lhe deram forças para assinar mais rápido a lei. Ao longo de trezentos anos, os africanos foram comercializados, mas à medida que as décadas e os séculos passavam, foi se consolidando uma cultura afro-brasileira, revigorada pelos elementos africanos trazidos pelos escravos que chegaram ininterruptamente até 1850, quando foi extinto o tráfico pelo Atlântico.

Desta forma, os africanos foram construindo suas novas identidades. Nesse processo de reinvenção de si mesmos nomes foram sendo criados pelos senhores, utilizando os termos Benguela (tirados dos portos nos quais embarcaram), Cassanje (das feiras nas quais foram comercializados) e Angola (regiões de onde vieram) ficando assim seus nomes: Joaquim Benguela, Catarina Cassanje ou Maria Angola, podendo também ser chamado de Sebastião de Nação

⁵ SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2008.

⁶ SOUZA, 2008, p. 94

Angola. Essas designações de procedência incorporadas na construção das novas identidades eram chamadas de nações, termo que remetia à qualidade de africano daquele escravo, sendo que o preto de nação era o africano que era diferente do preto crioulo, nativo da América.

Além das identidades criadas, a escolha de parceiros sexuais e a constituição de famílias estáveis era outra forma pela qual a comunidade negra ia se estruturando. Davam preferências a companheiros da mesma nação, ou de regiões com culturas parecidas. Havia mais homens do que mulheres, devido o tipo de trabalho que desenvolviam. As relações matrimoniais podiam ser sucessivas e em muitas situações eram interrompidas pela venda de um dos parceiros para outro senhor. “Também não era raro que um dos parceiros livre ou liberto ajudasse a libertar o outro, assim como os filhos de ambos, que seriam escravos caso o irmão o fosse⁷”.

Os laços de parentesco e as associações de trabalho, eram formas pelas quais as comunidades negras iam se estruturando, podendo uma mesma pessoa participar de várias delas. Além dos laços de parentesco, os africanos trouxeram suas religiões de matriz africana para o Brasil.

2. As religiões de matriz africana no Brasil

Entre os africanos o sobrenatural era acionado por especialistas que dominavam os conhecimentos necessários para que as entidades do além pudessem ajudar a solucionar questões da vida cotidiana. Os problemas que os escravos e libertos tinham na sociedade escravista eram bem diferentes daqueles que afligiam os agricultores e pastores das aldeias que viviam na África, mas a maneira como uns e outros lidavam com eles era parecida, uma vez que os afrodescendentes se mantinham próximos da maneira de pensar de seus antepassados. Especialistas em curas e adivinhações, intermediários entre o mundo dos homens e o dos espíritos e ancestrais, chamados de feiticeiros ou curandeiros pelos portugueses que os haviam escravizado e trazido para o Brasil, se tornavam membros importantes de certas comunidades que usavam seus serviços e conhecimentos.

Nos grupos em que a influência banto era majoritária, segundo Souza⁸,

⁷ SOUZA, 2008, p. 108.

⁸ SOUZA, 2008, p. 112.

[...] as pessoas recorriam a ritos de adivinhações para identificar culpados de atos condenáveis como roubo e assassinato, encontrar pessoa desaparecidas, curar doenças (que eram muitas em vida não árdua), amansar senhores, conquistar o sexo oposto, fechar o corpo contra agressões e cuidar de muitas outras coisas que afligiam os africanos e seus descendentes nascidos no Brasil.

Praticava-se uma grande variedade de ritos que permitiam que as forças do além agissem, às vezes por meio de possessões, “[...] com a descida dos espíritos invocados sobre o corpo dos sacerdotes. Outras vezes, os sacerdotes liam os indícios do além por meio de oráculos, como pontos riscados no chão sobre o qual jogavam pedras, conchas, contas, etc” [...].⁹

Para Souza¹⁰

[...] Outro conjunto importante de práticas e crenças mágico-religiosas de matrizes africanas que germinou no Brasil foram os candomblés, sendo do século XIX as primeiras referências a eles. Apesar de o termo pertencer à língua banto, no Brasil se refere a cultos religiosos de origem ioruba e daomeana. Neles, as principais entidades sobrenaturais são os orixás, quando a influência ioruba é maior, e voduns, quando a influência daomeana se destaca. Na Bahia, os iorubas também ficaram conhecidos como nagôs, e os daomeanos como jêjes.

Os orixás e voduns são entes ancestrais e heróis divinizados criadores de linhagens, reinos e cidades-estado sendo não só a origem da organização social e política, como aqueles que orientam toda ação dos homens em sua vida terrena, à semelhança do que ocorre entre os povos bantos.

No século XVIII as cerimônias com esses entes eram batizadas de calundus, a partir do século XIX elas passaram a ser chamadas de candomblés e seus líderes ficaram conhecidos como pais e, principalmente, mães-de-santo, sendo o santo o nome genérico, de nítida influência católica, dado a entidade incorporada durante a possessão à qual o culto é dirigido.

As casas que abrigavam candomblés e os sacerdotes que

⁹ BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira*. 2.v. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2005., p. 76

¹⁰ SOUZA, 2008, p. 112.

estavam à sua frente foram importantes polos de organização das comunidades negras, mesmo perseguidas pela polícia até meados do século XX, quando começaram a ser aceitas como legítimos de exercício de religiosidades afro-brasileiras. A repressão estava ligada não só ao tipo de prática ali exercida, que ainda era relacionada a forças diabólicas, mas, sobretudo, ao medo que os ritos das comunidades negras geravam. Mesmo em tempos de liberdade, e ainda, mais durante a vigência da escravidão, os negros, principalmente quando reunidos, eram vistos pelos grupos dominantes como ameaça potencial à ordem estabelecida.

Em torno dos sacerdotes, especialistas que conheciam ritos de comunicação com o além, de onde se supunha virem soluções para muitos problemas, grupos construíram identidades, nas quais também eram consideradas as áreas de origem dos seus membros, ou dos antepassados destes.

Atualmente os cultos africanos ainda permanecem com predominância da sociedade passada. São eles: culto dos orixás, tambor-de-mina, cultos congo-angolanos, cultos islâmicos e umbanda.

As seitas africanas chegaram no Brasil com os escravos. E com elas os Orixás africanos. Antes disso os africanos não distinguiam a religião católica e nem outra religião que não fosse o culto de seus Orixás e de seus ancestrais.

Depois de serem escravizados e transportados para terras desconhecidas, os africanos, não tiveram muita escolha. Para poder cultuar seus Orixás, criavam altares com imagens da Igreja Católica, e, embaixo deste depositavam os registros dos Orixás. Com os cânticos em dialetos africanos, e com as imagens de santos sobre os altares, os portugueses pensavam que eles estavam cultuando os santos católicos, e assim iniciou o sincretismo. Naquela época não havia liberdade de culto, porém hoje não é mais necessário associar Nossa Senhora com Oxum. Uma pessoa pode ser católica ou de outra religião, e fazer parte de uma religião africana sem a necessidade de fazer nenhum sincretismo.

Não foram, contudo, só as religiões de origem africana que ajudaram na construção de novas solidariedades e identidades. O ensino do catolicismo a todo africano escravizado era obrigação dos senhores, o que também serviu de caminho para a organização de novas comunidades negras, principalmente quando agrupadas em irmandades leigas de devoção a um determinado santo.

[...] Essas associações religiosas de 'homens pretos' eram não só aceitas como estimuladas pela igreja Católica e pela administração colonial. Mas as

irmandades não serviram apenas de instrumento de controle sobre as comunidades negras: elas também foram um espaço de organização e construção de novas identidades¹¹.

As irmandades de “homens pretos” além de cuidar do culto do santo elas faziam o enterro dos irmãos mortos, pediam que rezasse missas pelas almas e auxiliavam suas famílias caso elas não possuíssem nenhum recurso. Davam assistência aos irmãos doentes e algumas vezes juntavam um dinheiro para comprar a liberdade de alguns irmãos.

Até o século XVIII, eram mais comuns os chamados “reis da nação”, que tinham ascendência sobre um grupo com origem africana comum, como os chamados angolas, minas, ou mesmo designações mais específicas, como rebolo e cassange.

No século XIX todos eles passaram a ser chamados de rei do Congo, agrupando sob seu manto comunidades negras que percebiam menos suas diferenças internas e ressaltavam a origem africana que unia a todos.

O fato de os reis do Congo, em terras africanas, terem adotado o catolicismo no final do século XV e de os reis portugueses por muito tempo tê-los considerado governantes de um reino irmão teve peso na escolha dessa designação para todos os reis negros festejados pelas irmandades. Por meio dos reis do Congo algumas comunidades negras afirmavam uma identidade africana que a todos unia, ao mesmo tempo que suas formas de organização eram aceitas pelos administradores coloniais, que viam na rememoração do reino do Congo cristão um sinal de inserção pacífica dos negros da sociedade escravista brasileira.

Os africanos e afrodescendentes de origem banto, vindos da região de Angola e do Congo, podiam aceitar o catolicismo ou alguns de seus elementos quando se tornavam membros de uma irmandade ou quando haviam tido contato com o catolicismo ainda na África, principalmente no caso de escravos que viveram por um período em Luanda ou em outro centro de colonização portuguesa. De acordo com Souza¹²

[...] esse contato antigo com o catolicismo, ou com suas formas africanas, facilitou o aparecimento, no Brasil, de ritos religiosos com estruturas africanas mas com a incorporação de elementos católicos.

¹¹ Souza, 2008, p. 116.

¹² Souza, 2008, p. 118.

Também se percebe que o catolicismo muitas vezes passou a fazer parte da intimidade e da vida cotidiana dos africanos no Brasil, e especialmente de seus descendentes, são algumas imagens de santos católicos, esculpidas em madeira e às vezes em osso. Podiam estar em altares de igrejas e capelas, guardadas em casa, em altares domésticos, entre os objetos mais preciosos ou trazidos junto ao corpo.

Nessa época era grande o número de escravos trazidos da região da Angola, onde o catolicismo já estava presente havia cerca de trezentos anos e onde Santo Antonio era muito popular. Esses escravos vindos de Angola foram quase todos trabalhar nas plantações de café paulistas. No seu novo ambiente reproduziam suas tradições ao mesmo tempo em que construíam uma vida diferente, conforme os contatos que fizessem e as oportunidades que percebessem.

Segundo Souza¹³,

[...] As muitas imagens de santos esculpidas em estilo nitidamente africano são testemunho de como o catolicismo e formas mestiças de catolicismo foram adotados por afro-descendentes, que assim iam se integrando à sociedade brasileira, da qual também eram formadores, mesmo que na qualidade de explorados e oprimidos.

Essas culturas e outras já haviam realizado um primeiro sincretismo na própria África, resultante das guerras étnicas e da continuação de escravos nos armazéns do tráfico, como no Arquipélago do Cabo Verde e nas Ilhas de São Tomé e Príncipe.

Conclusões

É de extrema importância discutir as questões sociais como o racismo e o preconceito que levam as pessoas a cometerem atos violentos contra a crença religiosa dos indivíduos, fortalecendo o currículo dos alunos e alunas, bem como valorizando o direito do cidadão de exercer suas convicções e concepções religiosas, e sua cidadania. A escola é laica, e ensinar aos alunos e alunas a existência da religião de matriz africana, que perpassam pela história da origem religiosa das práticas existentes no Brasil, é revelar o que não sabem - que elas surgiram com a vinda dos africanos para o país.

Estudos revelaram que grande número de africanos e seus

¹³ Souza, 2008, p. 119

descendentes buscaram recriar as suas religiões de origem, formando grupos para a prática religiosa dos rituais e para a transmissão das tradições. É fato que entre os africanos o sobrenatural era acionado por especialistas que dominavam os conhecimentos necessários para que as entidades do além pudessem ajudar a solucionar questões da vida cotidiana. Os problemas que os escravos e libertos tinham na sociedade escravista eram bem diferentes daqueles que afligiam os agricultores e pastores das aldeias que viviam na África, mas a maneira como uns e outros lidavam com eles era parecida, uma vez que os afrodescendentes se mantinham próximos da maneira de pensar de seus antepassados.

É fato, que não se pode desvincular a cultura africana da cultura brasileira, afinal ele se entrelaçam na história do Brasil e de seu povo.

Referências

BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira*. 2.v. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2005., p. 76

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2008.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.